



A Comunicação e a Expressão Oral no Rádio¹

Vera Lucia Spacil Raddatz²

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí,RS

Resumo

A proposta deste artigo é discutir as práticas de comunicação e expressão oral no rádio, a partir de experiências e vivências no ensino de radiojornalismo. Considera-se neste processo, a presença de cinco elementos fundamentais: o conhecimento de si mesmo, o trabalho da voz, a interpretação e a pesquisa e a criatividade. Estes elementos perdem o sentido quando aparecem distanciados. Neste percurso, o professor é o articulador do processo, sendo nesta concepção denominado como o *sujeito dinamizador observado*. A tarefa é contínua e progressiva, numa relação que se estabelece dentro de um contexto mais amplo que inclui as necessidades do mundo contemporâneo de um profissional de rádio atualizado e perfeito conhecedor de si mesmo.

Palavras-chave: rádio, oralidade; expressão; comunicação, locução.

Introdução

A expressão oral como um processo de comunicação tem como berço a antiguidade clássica, cujos textos literários foram registrados primeiro oralmente, como os de Homero, as fábulas de Esopo e a poesia lírica, sempre acompanhada de uma audição musical. Na Grécia, por exemplo, as exposições orais - ou assembleias - em praça pública provocavam os cidadãos a pensar na sua condição e a tomar decisões. A Retórica – ciência da oratória- começou a ser definida de modo mais sistemático por Aristóteles também neste período. Em todas essas situações a expressão oral é fator constitutivo do processo de comunicação.

A palavra na sua tessitura de oralidade só se concretiza por meio da voz, a principal ferramenta de trabalho dos profissionais do rádio e, portanto, um dos quatro elementos da linguagem radiofônica, assim como a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Cinco segundos de silêncio no rádio é uma eternidade. O rádio não sobrevive e

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012, em Chapecó, SC.

² Professora do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Direitos Humanos da Unijui -, email: verar@unijui.edu.br



perde seu sentido sem a voz, a principal ponte que aproxima emissores e receptores. Por isso, cuidar dela é tão importante quanto utilizá-la, pois é carregada de fragilidades e sutilezas.

Este artigo pretende discutir a importância da expressão oral como recurso imprescindível para a prática da boa locução em rádio, refletindo a questão de como o ensino de graduação em Comunicação, e mais especificamente os componentes curriculares de rádio, são espaços importantes para desenvolver a oralidade. Desse ponto de vista, o professor é o *sujeito dinamizador observado* do processo, cuja sustentação se dá a partir de cinco habilidades que precisam ser desenvolvidas no aluno: o conhecimento de si mesmo, o trabalho da voz, a interpretação, a pesquisa e a criatividade. Tal afirmação é consequência das observações realizadas durante dez anos – 2001 a 2011 - nas aulas de Radiojornalismo, Produção de Áudio e Comunicação e Expressão Oral, do curso de Comunicação Social da Unijuí; nas oficinas de rádio com alunos voluntários do Comunicação Social Clube, programa de rádio do Curso, veiculado pela Unijuí FM; e nas oficinas de rádio realizadas no Projeto de Extensão Rádio na Escola, desenvolvido com alunos do ensino fundamental e médio da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, como forma de capacitação para a locução de programas de rádio dentro da escola.

Estas experiências têm mostrado que a oralidade, embora seja uma prática que se desenvolve a partir do nascimento e se prolonga durante toda a vida, quando é objeto de observação acadêmica para fins de formação profissional, requer aprendizado, trato e um trabalho minucioso. A oralidade apresenta-se com todas as marcas do sujeito que, por meio de sua voz, revela de onde vem e a qualidade do seu vocabulário, a sua origem étnica, suas ideologias e pontos de vista, seus vícios de linguagem, sua bagagem cultural. Pela oralidade o sujeito expressa seu conhecimento e também a sua personalidade.

1. A preparação técnica e emocional para a oralidade

O rádio é uma grande escola, capaz de preparar, pela natureza de sua prática cotidiana ao microfone, profissionais para atuarem em outros meios de comunicação, como o jornal e a televisão, e em outras funções como assessorias e cerimoniais. A experiência diária dentro de um estúdio ou mesmo das reportagens ou coberturas externas proporciona ao profissional do rádio uma boa flexibilidade de atuação, pois ele precisa cotidianamente contatar com pessoas das mais variadas classes sociais,



profissões e níveis culturais ou de escolaridade, adaptando sua linguagem às circunstâncias e às oportunidades. Por esta razão necessita desenvolver um perfil que compreenda, além do domínio das técnicas radiofônicas, um conjunto de habilidades relacionadas à sociabilidade e à convivência.

Isto quer dizer que é preciso que ele saiba, desde atender a uma ligação telefônica de caráter profissional, dando o tratamento correto e dedicando a atenção necessária a quem está do outro lado da linha, até a fazer uma abordagem adequada de uma autoridade para realizar uma entrevista ao vivo num determinado momento. Portar-se em ambientes públicos, representar a emissora em situações indicadas e conversar com as pessoas para captar informações são algumas das situações em que a atitude do radialista carrega involuntariamente a marca da empresa em que trabalha. Isso é tão forte que o seu nome é lido e a sua imagem pessoal associada automaticamente a da emissora, até mesmo em situações informais, fora da atividade profissional, podendo gerar expressões como: “Estava lá o Fulano de Tal da Rádio Tal”. Conforme Viana (2001, p.75), referindo-se ao porta-voz de comunicação, afirma que “a sua conduta é determinante para a imagem da empresa e, portanto, ele precisa estar bem informado, criativo, versátil, coerente, discreto, de atitudes equilibradas e conciliador”. A relação é inevitável e por isso, preservar a imagem pessoal em situações públicas é um requisito inerente ao exercício da atividade do radialista. E em todas as situações a oralidade está presente.

A oralidade precisa, entretanto, ser desenvolvida para o fim a que se destina e, de certa forma, isto é feito no decorrer da vida, dependendo das demandas e das necessidades dos sujeitos. Muitos deles sentem dificuldade de se expressar, pois são tímidos, inseguros ou não conseguem ordenar as ideias de forma lógica ou enfrentar argumentos opostos aos seus. Mesmo na história da oratória, sabe-se de exemplos de oradores reconhecidos que precisaram vencer seus medos e dificuldades para desempenhar seus papéis.

Portanto, na prática radiofônica, é fundamental que haja preparação do profissional para expressar-se oralmente, mesmo que ele vivencie situações imprevistas todos os dias. Até mesmo o imprevisto pode ser previamente preparado no caso do repórter ou locutor. E esta preparação inclui duas situações: preparação técnica e preparação emocional. A primeira supõe conhecimento sobre os fatos, os acontecimentos e as rotinas de produção e apresentação no rádio, como saber fazer uma reportagem, iniciar uma entrevista, conduzir um debate, etc. A segunda refere-se ao condicionamento



mental sobre o seu estado emocional para vivenciar determinadas situações de trabalho como as de enfrentamento de ideias por parte de colegas ou entrevistados, cobertura de um acontecimento trágico como acidente, homicídio, incêndio.

1.1 – Preparação técnica:

Dominar as questões próprias da função que precisa ser desempenhada é condição básica para qualquer profissional. E quem trabalha em rádio deve saber que, além disso, a maior parte das situações requer também um considerável desempenho da oralidade. Estar preparado tecnicamente para fazer rádio exige entre outros, os seguintes conhecimentos:

- *entrevistar, numa perspectiva de que está dialogando com o entrevistado e não realizando um confronto;
- *extrair o máximo de informações de um campo de reportagem;
- * relacionar-se bem com as fontes sem se deixar corromper;
- *distinguir o que é mais importante ser abordado, de acordo com o interesse do público;
- *estar bem informado acerca dos principais acontecimentos e principalmente sobre aqueles que vai cobrir;
- * trocar informações com os seus pares;
- *discutir aspectos problemáticos relacionados à cobertura radiojornalística;
- *defender pontos de vista junto à equipe;
- *coordenar trabalhos ou reuniões;
- *receber pessoas no ambiente de trabalho forma adequada;
- *saber resolver discretamente situações de conflito;
- *aprimorar constantemente o vocabulário;
- * manter boa dicção ao falar;
- * variar a tonalidade, o ritmo e a intensidade da voz;
- * primar pela norma culta ao microfone.

Estes conhecimentos são apenas uma amostra significativa do que um profissional de rádio deve colocar em prática ao estar em atividade. De cada um deles poderiam derivar outros, mas acredita-se que estes representem os principais aspectos que precisam ser considerados no fazer radiofônico, em atividades que envolvem a oralidade.



1.2 Preparação emocional

Tão importante como saber fazer uma entrevista é estar preparado para conduzi-la sem sobressaltos, inquietações, dominando a si mesmo, e sem insegurança quanto ao que vai fazer ou a quem está diante de si. Pensar sobre como está em relação a si próprio antes da tarefa ser cumprida contribui para ganhar confiança, bem como aprender a controlar a respiração, o que ajudará no momento em que estiver atravessando um momento de tensão. A tensão retrai os músculos, mas o controle da respiração relaxa-os. Aprender a respirar ajuda a conter emoções como o choro ou até mesmo uma risada em hora imprópria. Portanto, saber lidar com as emoções é decorrência de uma atitude mental e também fisiológica.

Muito da comunicação tem o peso da emoção. Uma fala em tom baixo e sem energia transmite para os ouvintes desânimo e monotonia. Porém, quando um locutor tem consciência de como usar a voz e a emoção conjugadas, vai ser responsável por manter uma audiência motivada e disposta a seguir sintonizada. O entusiasmo contagia, mas nada do que for exagerado gera credibilidade. Analogicamente, repete-se aqui a norma que serve para muitas outras circunstâncias: o demais é menos!

Mesmo em momentos difíceis ou de nervosismo é bom lembrar que nem sempre as outras pessoas percebem o que está acontecendo. As tensões podem ser muito mais de ordem interna do que se manifestarem externamente. Porém, é preciso estar atento para o fato de que boa parte do descontrole emocional se dá em função do despreparo técnico, ou seja, se não se preparar tecnicamente, ficará inseguro por isso, então, preocupar-se com os dois aspectos é previdente.

1.2 – Os passos para a preparação

a) Técnica

Independente do estilo pessoal de cada um, alguns passos são elementares na preparação técnica, para evitar quaisquer contratempos na hora de executar as tarefas (item 1.1). São eles:

- Informar-se sobre a situação que estará sob a responsabilidade do profissional;
- Estruturar e planejar quais os recursos necessários para dar conta da tarefa;
- Revisar o que já sabe sobre aquela situação e pesquisar algo novo que possa ser aplicado no âmbito da metodologia ou do conteúdo;



- Pensar em todas as possibilidades que o planejado não funcionaria e montar um plano B, ou seja, um plano de emergência;

-Planejar a fala em três momentos, desde como vai inicia-la, desenvolvê-la e encerrá-la.

b) Emocional:

As alterações emocionais normalmente são consequência de inseguranças decorrentes de outras situações semelhantes que já se viveu, cujo resultado não foi positivo, ou então, pelo fato da situação ser totalmente nova. Os passos que podem ajudar a amenizar ou até eliminar as tensões resumem-se em:

- Manter a respiração sob seu controle;

- Pensar claramente sobre que transtornos ou imprevistos a realização da tarefa poderá gerar;

- Conhecer os elementos humanos com os quais estará envolvido, procurando compreender sua personalidade e possíveis reações;

- Estudar como resolveria situações de conflito no decorrer do desenvolvimento da ação;

- Procurar cumprir os prazos e os objetivos para não ficar ansioso por causa disso.

Estar preparado para a oralidade, fazendo da fala um momento prazeroso tanto para si mesmo como para o ouvinte, não é fruto de inspiração, mas exige esforço e trabalho. Com o tempo, a prática vai propiciar uma maior naturalidade e confiança no desempenho da oralidade, tanto em situações inesperadas quanto previsíveis.

Durante a fase de formação na universidade, o profissional de rádio desenvolve atividades práticas com o objetivo de capacitar-se para o desempenho de suas funções no mercado de trabalho. Neste percurso conta a orientação de outro profissional: o professor, sobre cujo papel cabe discutir neste processo.

2. Professor de rádio: o *sujeito dinamizador observado*

Por mais que as tecnologias se desenvolvam, o professor continua tendo uma importância muito grande nas formas de aprendizagem, entretanto, com mudanças na função que ocupa. Hoje, cabe ao professor, de modo geral o papel de orientador ou facilitador do processo de ensino-aprendizagem, dentro de uma perspectiva dialógica, como defende Paulo Freire (1980, p.83): “O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer, refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser



mais humano [...]”. O autor reforça ainda a importância da criticidade como um recurso de transformação: “O homem de diálogo é crítico e sabe que embora tenha o poder de criar e de transformar tudo, numa situação completa de alienação, pode-se impedir os homens de fazer uso deste poder” (p. 84).

O professor não pode desconhecer o valor dessa construção dialógica que beneficia o propósito da produção do conhecimento. Educar para fazer rádio inclui dialogar não apenas sobre as temáticas abordadas em laboratório de aula, mas com as possibilidades de escolha do estudante. Este sujeito que está matriculado num componente e tem direito a um professor, certamente se difere muito do perfil de aluno que este mesmo professor já foi há pelo menos uma década, mas nem tão distante assim.

Hoje, o professor disputa a atenção da sua aula com *notebooks*, *tablets*, *I Phones* ou *smartphones*, conectados à internet, o que viabiliza acesso às redes sociais, sites ou jogos. Ao mesmo tempo em que dá aula, suas palavras podem estar sendo *twitadas* por algum aluno, que certamente fez uma angulação de toda a exposição, resumindo-a a 140 caracteres. Suas afirmações viram facilmente *posts* descontextualizados no Facebook, e podem ainda estar acompanhadas de sua imagem em tempo real transmitida via *bluetooth*. A mesma tecnologia a que o rádio faz esforços para adaptar-se não está somente nos equipamentos ou nas emissoras, está agora também mexendo sensivelmente com a aula do professor.

Mas, o professor continua ainda sendo cobrado como o mestre que deve ensinar, explicar, mostrar como se faz e como se diz. Suas atitudes são ainda exemplo que se imagina poder seguir. O professor é, ainda, uma referência importante para os estudantes que nele acreditam ou se inspiram profissionalmente. Se não concordam, eles dizem. Se não gostam, criam comunidades do tipo “Eu odeio Fulano de Tal”, lançando virtualmente o seu protesto.

De qualquer modo, vê-se o professor de rádio hoje como o que se denomina aqui de *dinamizador observado*, ou seja, aquele profissional que deve se encarregar de articular teoria e prática, dominando estas duas questões como conhecimento, e correspondendo às expectativas dos estudantes no que tange ao conteúdo e a sua aplicabilidade. O professor é o *dinamizador* das atividades, mas é também o sujeito *observado* como a representação *in loco* daquilo que orienta, discute, ensina e cobra.

A cobrança do aluno se dá por meio da oralidade e, por isso, a palavra do professor não pode traí-lo nos seus objetivos como profissional, porque caso contrário, no mesmo instante, ele será corrigido pelo mesmo canal ou com o apoio das mensagens via



suportes na web. O sujeito observado é vigiado constantemente quanto ao cumprimento do seu fazer pedagógico e de conteúdo.

3. Os elementos fundamentais para a formação do profissional de rádio

As observações sobre as experiências realizadas nas oficinas de rádio em Projetos de Extensão, como o Rádio na Escola, as oficinas para programas pedagógicos como o Comunicação Social Clube, e as aulas em laboratório nos componentes curriculares de Radiojornalismo, Produção em Áudio e Comunicação e Expressão Oral, do Curso de Comunicação Social da Unijuí, durante o período de 2001 a 2011, indicam que a formação de um profissional de rádio no seu aspecto da oralidade requer, prioritariamente o desenvolvimento de cinco elementos fundamentais: o conhecimento de si mesmo, o trabalho da voz, a interpretação, a pesquisa e a criatividade. Sem estes requisitos, a formação humana e técnica estariam incompletas.

a) Conhecimento de si mesmo

O homem é um ser cultural, não dissociado de seu tempo e de suas origens, dotado de aptidões e habilidades, mas também de limitações. Reconhecer as qualidades e investir na superação de suas dificuldades é condição para conhecer a si mesmo, estando aberto para aprender, ouvir e trocar. O conhecimento de si mesmo contribui para o aperfeiçoamento de um ser que dialoga com seus problemas na tentativa de enfrentá-los. Isso vai refletir na sua comunicação ao microfone, no modo como estabelece a interação com os seus ouvintes e no tipo de discurso de suas falas, definindo o estilo de comunicar.

Conforme César (2002, p.84) “é importante você ser identificado por seus ouvintes por seu estilo próprio e não como uma imitação de outros profissionais. A originalidade deve ser uma das regras fundamentais de seu trabalho”.

b) Trabalho da voz

O trava-línguas, jogo vocálico de efeito que ajuda a flexibilizar os órgãos do aparelho fonador, é um mecanismo simples e que oferece bons resultados no trabalho com a dicção. A fala do locutor manifesta-se por meio da voz e ela comunica por três



dimensões, ou seja, a tonalidade, a intensidade e o ritmo. A primeira sintetiza a parte emocional da voz e as outras duas representam a parte física da voz. Uma depende da outra para estabelecer um processo de sintonia e equilíbrio no ato de fala, comunicando com um maior ou menor grau de expressão oral.

Uma voz eficiente é aberta é grande como um suspiro. Dà-nos a impressão de que se poderá fazer dela tudo o que se queira. Assim como a garganta se expande na primeira fase de um bocejo, ela se amplia numa boa emissão. (...) Uma boa voz flutua, atinge altura sem estridência. Parecerá ter altura e volumes ilimitados (BLOCH, 1963, p. 67)

A voz no rádio pode convencer e persuadir. Transmitir emoções e sentimentos. Aproximar ou afastar, conquistar ouvintes e causar impressões que marcam para sempre. As vivências são individuais, mas se o ouvinte gostar da voz e do estilo do locutor, a chance de manter o rádio ligado naquela emissora é maior. Não se trata apenas de estética ou beleza da voz, mas dos sentidos que ela toca e dos sentidos que ela comunica. A voz, de acordo com a fonoaudiologia e a psicologia, é considerada o espelho do comunicador, portanto conhecer sua própria voz e retirar dela o maior proveito em favor da mensagem positiva é fator determinante para o sucesso da comunicação.

c) A interpretação

O rádio, embora cego, produz imagens que são criadas pela mente dos ouvintes. Os textos para o rádio não são para serem lidos e sim, contados. O profissional de rádio deve ser um bom contador de histórias e um intérprete dos fatos. Sua categoria não é a do ator, mas do intérprete que conta o mundo e interpreta a leitura da realidade.

d) A pesquisa

Nenhum bom contador de histórias, portanto, nenhum radialista comunicador, será bem sucedido se não estiver munido de bons exemplos e ilustrações orais. Podem ser comparações, dados estatísticos, fatos de reconhecimento público que servem para explicar as situações. Para formar um acervo destes elementos é necessário a pesquisa, importante também para a melhoria do vocabulário e a atualização das informações e do conhecimento.



e) A criatividade

A criatividade se produz a partir da interação com os outros e das trocas de conhecimento que se estabelecem no cotidiano dos fazeres. O profissional criativo procura dizer sobre as mesmas coisas, utilizando outra abordagem e experimentando novas nuances da mesma situação. A criatividade é um insight da inteligência trabalhada pela imaginação. Ela se mostra todos os dias no modo de produzir conteúdos e difundir mensagens.

Como se pode perceber, a comunicação e a expressão oral no rádio são mais complexas do que aparentemente parecem. Não há uma receita ou metodologia infalível, mas pontos que podem ajudar a conduzir a formação de um profissional preparado para assumir os riscos e enfrentar o dia-a-dia do fazer radiofônico.

Considerações Finais

A comunicação pelo rádio é uma ponte com a vida das pessoas, com os fatos que movimentam o seu dia e com os sonhos da comunidade. O comunicador precisa compreender os valores e a diversidade da cultura local para poder interagir com ela, considerando ainda que todo o ato comunicativo é intencional, portanto nunca desprovido de neutralidade.

O profissional de rádio não pode esquecer também que mesmo que ele se prepare da melhor forma possível para assumir a sua função, sempre haverá mediações que interferem no processo de recepção das mensagens, ou seja, tudo o que pode influir de uma maneira de outra na compreensão dos conteúdos ou nos modos de assimilá-los.

O trabalho de um comunicador inclui diversos fatores que se relacionam ao seu comportamento, à técnica, ao tipo de locução, ao estado de espírito, à tonalidade da voz, o conteúdo da mensagem e a sua personalidade.

Durante a sua formação se faz necessário um conjunto de práticas e atividades que contemplem o desenvolvimento de aptidões e gere o conhecimento de si mesmo, ou seja, técnicas que funcionem como o ponto de partida para o exercício da atividade com controle emocional e preparo técnico.



A voz será sempre um dos recursos mais importantes da comunicação radiofônica, porque ela impulsiona mecanismos no receptor, capazes de manter uma audiência. Desse ponto de vista, é essencial o modo como o comunicador diz as coisas, em lugar do que ele diz. A voz é uma de suas identidades, e tão individual como se fosse uma impressão digital. Essa voz provoca efeitos de sentido, independente de quem esteja usando a voz: o locutor ou o professor, um *sujeito dinamizador observado*, mas que se revela também um bom observador para que o processo de ensino aconteça de forma satisfatória.

Por fim, é bom dizer: Locutores, repórteres e comunicadores, poupem a voz, mas não economizem na expressão oral.

Referências

BLOCH, Pedro. **Problemas da voz e da fala**. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

CESAR, Cyro. **Como falar no rádio**: prática de locução AM e FM: dicas e toques. São Paulo: Ibrasa, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

VIANA, Francisco. **De cara com a mídia**: comunicação corporativa, relacionamento e cidadania. São Paulo: Negócio Editora, 2001.